Por Giedre Moura

Muito além do lucro

A preocupação com ações de sustentabilidade ultrapassam a barreira do marketing e do retorno financeiro. A missão agora é salvar o meio ambiente

PELO MENOS UMA VEZ POR MÊS, OS EXECUTIVOS DE TECNOLOGIA DO ITAÚ PENSAM VERDE. Não o do dinheiro, mas aquele do meio ambiente. Eles saem de suas salas e vão ao segundo andar do Centro de Tecnologia *e* Operações na Avenida do Estado em São Paulo. Ali se reúne o comitê de TI verde.

Júlio Conti comanda a superintendência de engenharia e infraestrutura do Itaú. Antes ele se preocupava com eficiência e custos; agora, precisa pensar em uma variável nova: o impacto no meio ambiente. Às vezes a tecnologia ajuda a economizar e fica fácil convencer quem decide; em outras ocasiões, pode ficar mais caro e aí se inicia o dilema. Para as empresas, a idéia do investimento responsável embute um paradoxo contrário à lógica relativamente simples de maximizar a rentabilidade. Dar lucro deixou de ser suficiente.

Há gente na equipe de TI do Itaú que chega a ocupar a maior parte do tempo pensando em como reduzir o impacto no meio ambiente. Essa rotina "verde" do time de TI do banco foi uma das experiências compartilhadas por

Júlio durante o evento "Dossiê Verde", realizado pela revista *B2B Magazine*, no mês de abril, em São Paulo. Ao longo do debate, executivos de TI e especialistas mostraram o atual estágio da sustentabilidade da área tecnologia de suas corporações, ao mesmo tempo em que colocaram em pauta os enormes desafios que enfrentam.

A proposta era mostrar as principais dificuldades dos projetos de TI verde. Isso porque o tema, depois de toda a discussão nos últimos anos, ainda é na prática ignorado pela maior parte das empresas brasileiras. Um estudo realizado pela E-Consulting registra apenas 31% dos entrevistados conduzindo uma estratégia de TI Verde ligada formalmente à estratégia de sustentabilidade corporativa da empresa.

No debate promovido pela *B2B Magazine*, a maior parte dos executivos admitiu que os projetos de TI verde ainda engatinham. O primeiro desafio deles é iniciar o movimento. Se preocupar com sustentabilidade pode ser uma moda ou até exigência do mercado, mas significa tirar um pouco o foco do objetivo primordial de toda empresa: ganhar dinheiro.

O dilema tornou mais fácil os projetos com retorno evidente. Por isso, o maior deles se relaciona à economia de energia elétrica, algo com impacto direto nos custos. Ao mesmo tempo, é uma atitude extremamente responsável ambientalmente: a tecnologia consome 8% de toda a energia gasta no mundo.

No Itaú a eficiência energética não é a única bandeira, mas é uma das principais alavancas do projeto de TI verde do banco que reservou uma fatia dos seus R$ 2,3 milhões investidos em tecnologia em 2008 aos projetos dotados de preocupação ambiental. O consumo energético para manter em funcionamento todos os data centers, caixas eletrônicos e os mais de 115 mil computadores do Itaú representam 50% dos gastos com energia de todo o banco.

Para conseguir uma redução estimada de 3%, número que salta aos olhos dos acionistas e ecologistas, o Itaú atuou em diversas frentes. Ambientes antes iluminados 24 horas por dia hoje só acionam as luzes quando há uma pessoa presente. Os monitores de tubo, 40% mais econômicos, estão sendo substituídos por equipamentos LCD. Mais de sete mil foram trocados em 2008 e a meta para 2009 são outros dez mil.

Mas o maior retorno na área de tecnologia vem da virtualização dos servidores. Somente no ano passado, o Itaú virtualizou 450 servidores. Desde então, Júlio recebe a cada dia a informação de que mais dois ou três servidores foram virtualizados. É menos energia sendo consumida, menos dinheiro sendo gasto e ainda se pode registrar como uma vitória do verde.

Essa é a parte relativamente fácil da sustentabilidade. Ao se reduzir o custo, não há quem diga não a uma boa proposta de respeito ao meio ambiente. Por isso, a tecnologia se transformou no líder do processo em vários casos.

No Habib's, o diretor de TI Geraldo Santo lançou a pedra fundamental da ação verde em 2008, quando a empresa construiu uma nova sede com sistemas voltados para a economia não só de energia, mas também de água, papel e outros insumos. A liderança da TI nesse caso trouxe resultados. A nova infraestrutura, com servidores virtualizados, gastou 62% menos energia. TI Verde assim é que o acionista gosta.

Júlio, do itaú: o maior retorno na área de tecnologia vem da virtualização dos servidores

Compra e descarte

Mas se reduzir energia é uma escolha aparentemente simples para acionistas e executivos, há decisões que afastam ainda mais o tema das estratégias de negócios. Se preocupar com o impacto da produção no meio ambiente ou de como se desfazer de equipamentos de informática podem se tornar discussão longas para quem quer apenas tocar o seu negócio.

Especialmente complicados são os monitores de computador, justamente um dos mais interessantes de trocar para economizar energia. Se um monitor CRT gasta quase o dobro, troque logo por LCDs, dizem os entusiastas da TI verde. "Aí geramos outro problema porque aumentamos a necessidade de produção e, com ela, o consumo de materiais", rebate Fernando Cosenza, gerente de inovação em TI do Serasa Experian. Fabricar um monitor pede 16 vezes o peso dele em insumos com impacto enorme para a natureza.

Fernando, assim como Júlio no Itaú, também discute cada vez mais a sustentabilidade dentro da Serasa Experian. No momento, ele reflete sobre os vários lados da questão e ajuda a definir exatamente o que é TI verde para a empresa e qual o norte a ser seguido.

O papel da comunicação

Existe um e-mail que os colaboradores da GM detestam receber: o ranking dos mais "gastões". Todos os meses *a* área de TI divulga pelo nome departamentos e usuários que gastaram mais papel de impressão. Quando o ranking deixou de ser feito por três meses, o consumo de papel cresceu 30%.

A exemplo de outras companhias, reduzir o uso do papel funciona muito bem. "Esse projeto se baseia no tripé cultura, monitoramento e comunicação", explica Douglas Barul, gerente de TI da General Motors. Além do ranking dos perdulários, a GM fornece informações sobre como as atitudes dos colaboradores refletem no planeta. São informações sobre como, por exemplo, o número de árvores salvas pela redução do uso de papel.

O monitoramento agora vai se estender para *a* eficiência energética. Deixar uma máquina ligada durante um feriado ou final de semana tem um custo ambiental. Barul investe não só em tecnologias para o controle, mas também na comunicação.

No grupo Pão de Açúcar, projetos pequenos e grandes coexistem. As informações dentro das notas fiscais foram consolidadas e os documentos hoje têm menor quantidade de folhas. Em alguns casos, diminuiu até o número de vias, Faz diferença quando a empresa imprime um milhão de notas fiscais por mês.

Mas pequenas mudanças podem ser ainda mais surpreendentes. A empresa reduziu o parque de impressoras e agora, quando o colaborador manda imprimir um documento, ele precisa digitar uma senha. O consumo de papel caiu 25%. Joaquim Dias Garcia, gerente de TI do Pão de Açúcar, analisa: "A senha faz com que a pessoa pense duas vezes antes de imprimir."

É o momento de decidir o que é ser verde.

Fernando elabora o conceito depois de ter passado pelas fases mais elementares. Quando ele questiona a compra não planejada de LCD é porque ele já fez o mais óbvio. O prédio da Serasa Experian foi modernizado para reduzir o gasto de insumos e controlar os impactos ambientais. O elevador inteligente economiza viagens, o ar-condicionado foi posicionado no chão e quatro mil lâmpadas foram trocadas no ano passado por modelos mais econômicos e ecológicos. Embora exija planejamento e investimento inicial, essa parte já é mais facilmente aceita.

A dificuldade não está apenas em refletir sobre o impacto que a produção de produtos verdes causa quando são manufaturados. No final da vida útil do equipamento existe outra discussão. E o descarte do antigo.

Se a reciclagem retornar em ganho para a empresa, melhor ainda. Na Atento, empresa presente no Dossiê TI Verde da *B2B Magazine,* uma campanha de descarte de cabos utilizados pelas centrais reuniu nada menos que dez toneladas do produtos. "Devolvemos o material para o fabricante para reciclar os cabos", conta David Cardoso, diretor de tecnologia da Atento. "Depois recebemos de volta em créditos de compra."

O Itaú, por exemplo, costumava vender equipamentos usados e obsoletos nos leilões,

Fernando, da Serasa Experian: define o que é TI verde e qual o norte a ser seguido

para funcionários ou doar para ONGs parceiras. Em qualquer uma dessas ações não se sabe aonde vai parar uma máquina que pode deixar de funcionar um ano depois. Mesmo as ONGs não podem garantir que no futuro o equipamento está livre de acabar no aterro sanitário comum.

O Greenpeace alerta: a sucata eletrônica já representa 5% de todo o lixo mundial. E são 50 milhões de toneladas todo ano. Esse tipo de lixo atrapalha ainda mais porque eles usam materiais das mais diversas naturezas e alguns são até tóxicos. Assim, reciclar se torna mais caro e complexo.

Nesse momento, um projeto perfeito se torna vilão. A empresa compra LCDs e servidores modernos para economizar energia e doa os usados. Os críticos olham e condenam a ação como maléfica ao planeta. Parece que ninguém está a salvo.

Por isso, o Itaú decidiu mudar este ano. Durante três meses, os executivos debateram, olharam equipamentos antigos nos departamentos e procuraram empresas de descarte responsável no mercado. Olharam não só a maneira como era feito, mas o

Aquecimento global

A tecnologia também pode aquecer em excesso o planeta. O aquecimento global agita os ambientalistas e muitos estudos apontam para acontecimentos catastróficos se o índice de emissão de poluentes não for reduzido em todo o mundo. Os executivos de TI podem ajudar.

De fato, a TI influencia *a* maneira como são realizadas as atividades diárias dentro das empresas. Se bem planejado, uma nova rotina pode surgir *e* contribuir para *a* redução das emissões de gases do efeito estufa.

Em empresas do setor de varejo, com alto volume de transporte de carga, os investimentos em logística tiram caminhões vazios das ruas e estradas diminuem *a* emissão de poluentes.

É possível também simplesmente evitar o deslocamento realizando reuniões por telepresença ou por videoconferência. A prática *é* cada vez mais estimulada e adotada em empresas como o Itaú e Pão de Açúcar.

Reprodução deste artigo proibida para fins comerciais

subproduto originado depois. O mesmo monitor CRT que coloca em dúvida a troca também dá mais trabalho na hora de reciclar (muitas empresas até cobram ao invés de pagar para levar esse tipo de equipamento).

Júlio procurava uma empresa que garantisse que o equipamento do Itaú não fosse parar no aterro sanitário no futuro. Em abril, pela primeira vez, 11 toneladas de equipamentos foram para o descarte responsável. A montanha de equipamentos seguiu para o interior de São Paulo, onde fica *a* empresa escolhida, a 50 quilômetros do CTO do Itaú. Agora já virou parte do processo. No final de junho, mais 14 toneladas serão descartadas dessa forma.

Se fosse leiloado, o valor arrecadado poderia ser o dobro (a diferença cai quando se considera que o leilão gerava custos de logística e gestão). De qualquer forma, o Itaú abriu mão de dinheiro. Ok, ele era pouco e não relacionado ao negócio principal, mas a questão se torna mais complexa do que economizar energia.

A própria economia de energia envolve uma conta complexa porque os produtos verdes são normalmente mais caros. Muitas empresas reclamam que ao rotularem os equipamentos como verdes os fornecedores elevam o preço. Na maioria das empresas, o

Geraldo, do Habib's: custo influencia diretamente no preço final do produto

diferencial ecológico por si só ainda não convence os investidores. Douglas Barul, gerente de TI da General Motors, reclama: "Essa é uma meta para os fornecedores, os equipamentos verdes precisam chegar pelos mesmos preços."

Ações que trazem resultado financeiro negativo podem pesar em alguns casos. Dentro de empresas de varejo, como o Habib's, a questão é sensível, pois o custo influencia diretamente no preço final do produto para o consumidor. Afinal, o grande diferencial da rede de fast-food é vender esfihas a centavos de reais. "Nós realmente precisamos ter resultados comprovados para investir em TI verde", explica Geraldo Souto, diretor de TI Habib's. "E uma premissa básica". De pouco adianta ser verde no curto prazo se depois a empresa for prejudicada e o projeto for cortado.

Por isso, os especialistas gostam de lembrar que os projetos de TI verde precisam ser sempre sustentáveis. Isso pode não ser fácil, mas é viável quando se propõe economizar energia. Com retorno bem definido, um bom projeto tem boas chances de ganhar a aprovação dos acionistas. Talvez o debate mais necessário hoje sobre a TI verde seja discutir como tratar bem o meio ambiente quando isso tem um preço.

Os participantes

Atento – Luciana Alves
Atento – David do Nascimento Cardoso
General Motors do Brasil Ltda. – Douglas Barul
Grupo Pão de Açúcar – Joaquim Dias Garcia
JBS-Friboi – Wayniere Maria L. Valim
Serasa Experian – Fernando Consenza
Unilever – Irlei Homero
Habib's – Geraldo Francisco
Sucesu – Herbert Mascarenhas
Banco Itaú – Julio Conti
Max Ambiental - Eduardo Petit
Nortel - Rita D'Andrea

Autorização de artigo concedida pela Revista Amanhã

MOURA, Giedra. Muito além do lucro. **B2B Magazine**, São Paulo, ano 8, n. 97, p. 28-32, jun. jul. 2009.